

A AUTOAFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA PELO VIÉS DA ANCESTRALIDADE AFRICANA EM *O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO*, DE RODRIGO FRANÇA

Leomar Alves de Souza¹

RESUMO: Neste trabalho são apresentadas reflexões acerca da ancestralidade africana como elemento da formação e autoafirmação da identidade negra do narrador-personagem da obra *O Pequeno Príncipe Preto*, de Rodrigo França. Inicialmente, tecemos considerações acerca da obra e de sua destinação aos leitores infantis e juvenis, em que sobressaem seus aspectos educativos voltados à afetividade, construção da identidade da criança negra e ancestralidade africana. Também são discutidas as relações raciais a partir das impressões apresentadas pelo personagem Pequeno Príncipe Preto em suas interações com outros personagens da narrativa. O trabalho se constitui da análise da narrativa, a partir da abordagem dos conceitos de literatura infantil e juvenil, de Colomer (2017); literatura negro-brasileira, pela perspectiva apresentada por Cuti (2010); ancestralidade, segundo Oliveira (2012); Machado (2014), e identidade, pelo viés de Hall (2006). A leitura de *O Pequeno Príncipe Preto* evidencia a ancestralidade africana como potente elemento na construção e autoafirmação da identidade das crianças pretas.

Palavras-chave: Pequeno Príncipe Preto. Identidade. Ancestralidade africana.

THE SELF-AFFIRMATION OF THE BLACK IDENTITY THROUGH THE AFRICAN ANCESTRALITY BIAS IN *O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO*, BY RODRIGO FRANCE

ABSTRACT: This work presents reflections on the African ancestry as an element of the formation and self-affirmation of the narrator-character's black identity in the work *O Pequeno Príncipe Preto*, by Rodrigo France. Initially, we made considerations about the work and its destination for children and youth readers, in which its educational aspects that focus on affectivity, construction of the identity of the black child and African ancestry are highlighted. Race relations are also discussed based on the impressions presented by *O Pequeno Príncipe Preto* character in his interactions with other characters in the narrative. The work consists of the analysis of the narrative, from the approach of the concepts of children's and youth literature, by Colomer (2017); Black-Brazilian literature, from the perspective presented by Cuti (2010); ancestry, according to Oliveira (2012); Machado (2014), and identity, from the perspective of Hall (2006). The reading of *O Pequeno Príncipe Preto* highlights the African ancestry as a powerful element in the construction and self-affirmation of the black children identity.

¹ Doutorando e mestre em ensino de língua e literatura, no Programa de Pós-graduação em Letras, na UFT, campus de Araguaína. Professor de língua portuguesa da educação básica na rede estadual de ensino do Estado do Tocantins. E-mail: ramoel05@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-2898-6230>.

Keywords: The Little Black Prince. Identity. African ancestry.

O Pequeno Príncipe Preto no contexto da literatura infantojuvenil atual

A literatura infantojuvenil surge no século XVIII, visando contemplar diferentes objetivos em relação ao público infantil e juvenil, que à época começava a ser compreendido à luz das ciências biológicas e sociais. Logo, a existência de uma literatura voltada para crianças e adolescentes estava atrelada às concepções científicas dessas faixas etárias, na perspectiva de prepará-las para a vida adulta. Nessa perspectiva, inicialmente, os principais objetivos da literatura infantojuvenil eram: moralizar as crianças, alfabetizar e também entreter (COLOMER, 2017, p. 154). Esta autora acrescenta ainda, que:

A ideia de uma infância com interesses e necessidades formativas próprias levou, pois, à criação de livros especialmente dirigidos a este segmento de idade. Inicialmente, entenderam-se como instrumento didático: livros para aprender a comportar-se, a ser caricato, obediente etc. Mas o enorme consumo infantil de coleções populares de histórias, lendas e contos para todos os públicos, como os *chapbooks* (livros populares) ingleses ou a *Bibliothèque Bleue* francesa, fez com que logo começasse a editar livros feitos diretamente para seu entretenimento, embora a função moral se mantivesse de algum modo. (COLOMER, 2017, p. 154)

Desse modo, a literatura infantojuvenil era utilizada, principalmente, com a finalidade de influenciar na formação moral das crianças leitoras para que estas se ajustassem a um modelo de sociedade estruturado e mantido pelas classes dominantes, compostas por pessoas adultas, evidentemente. É somente a partir do século XX que a literatura infantojuvenil assume um caráter com predominância voltada ao entretenimento, sem excluir totalmente o caráter didático das obras literárias. Na atualidade, os livros infantojuvenis mesclam entretenimento aos objetivos didáticos, em que se apresentam variados e relevantes temas de interesse das crianças e dos adolescentes, com o propósito de influenciar na formação ética e cultural desses leitores.

Consoante ao que se refere à literatura infantojuvenil relativa às discussões étnico-raciais, evidenciamos que há raríssimas publicações de autoras e autores negras/os que abordem em suas obras os contextos da infância, adolescência e juventude de personagens negras, com vistas a conferir à literatura uma conotação de representatividade das temáticas

relacionadas às vivências da população negra com todas suas demandas e complexidades que necessitam de constante debate e reflexão. Contrariamente a essa escassez literária de temáticas voltadas à negritude, o livro *O Pequeno Príncipe Preto* (2020), de Rodrigo França, se destaca no mercado editorial literário por abordar em sua narrativa o universo infantil e, sobretudo, por tratar de temas tão recorrentes como a identidade negra, ancestralidade e consequentemente por intencionar o combate ao racismo, a partir do envolvimento e adesão do público leitor infantojuvenil.

A obra *O Pequeno Príncipe Preto*, lançado em 2020 pela Editora Nova Fronteira, é um livro infantojuvenil de autoria do escritor, ator, diretor e cientista social Rodrigo França. Essa obra literária foi escrita a partir da peça de teatro de mesmo nome, que teve bastante aceitação do público, contando com aproximadamente 60 mil espectadores ao longo de dois anos.

Já em seu título é possível o leitor notar uma referência explícita ao conhecido clássico *O Pequeno Príncipe* (2015), do escritor francês Saint-Exupéry, configurando, portanto, o fator textual da intertextualidade², como será detalhado no decorrer deste trabalho. Embora em *O Pequeno Príncipe Preto* estejam presentes alguns aspectos do enredo que denotam a intertextualidade com a obra francesa, o autor do livro brasileiro aborda aspectos bastantes peculiares relativos às questões raciais da população negra, sobretudo no que concerne à construção e autoafirmação da identidade das crianças pretas.

Em seu livro, Rodrigo França aborda questões concernentes à vida da população negra no contexto brasileiro contemporâneo, em que há o constante debate sobre identidade, racismo e também aspectos da ancestralidade africana, como elemento essencial à formação e autoafirmação da identidade negra; neste cenário de crise social e ataques à dignidade da população negra, no Brasil e em outros países. Pelos modos que o autor aborda questões relacionadas ao universo do negro brasileiro, *O Pequeno Príncipe Preto* também se insere na chamada literatura negro-brasileira por tratar importantes aspectos da identidade negra e ancestralidade africana de forma bastante didática, em uma linguagem objetiva e acessível às crianças e adolescentes.

²De acordo com Marcuschi (2008), a intertextualidade diz respeito às referências implícitas ou explícitas que um dado texto faz em relação a outro texto, atualizando assim, a mensagem contida no texto inicial.

Literatura negro-brasileira: afirmação e defesa das questões de negritude

A literatura brasileira é constituída de uma diversidade de escritores que abordam uma infinidade de temas em suas obras permitindo, a partir daí, diferentes características e classificações, tais como: literatura indígena, literatura infantil, literatura de cordel, entre outras classificações que ora remetem a seus escritores e às temáticas abordadas, ora remetem ao público receptor e leitor dessas literaturas. A exemplo da diversidade literária existente no Brasil, o escritor Cuti, cujo nome verdadeiro é Luiz Silva, defende e caracteriza o conceito de literatura negro-brasileira, tendo como referência escritoras e escritores negros que escrevem sobre situações relacionadas às próprias vivências, sobretudo como forma de superação do preconceito, da discriminação e do racismo pelos quais as pessoas de pele preta são vitimadas sistematicamente nas diferentes relações e setores da sociedade.

Referindo-se aos elementos formadores da literatura negro-brasileira, Cuti (2010) afirma que:

O surgimento da personagem, do autor e do leitor negros trouxe para a literatura brasileira questões atinentes à sua própria formação, como a incorporação dos elementos culturais de origem africana no que diz respeito a temas e formas, traços de uma subjetividade coletiva fundamentados no sujeito étnico do discurso, mudança de paradigma crítico-literário, noções classificatórias e conceituação das obras de poesia e ficção. (CUTI, 2010, p. 11)

Conforme a afirmação de Cuti, o surgimento da personagem, do autor e do leitor negros é elemento basilar da literatura negro-brasileira, visto que essa literatura não surge no vazio da sociedade; mas antes, surge a partir da necessidade de expressão das subjetividades da população negra, que, por meio da poesia e da prosa de ficção, torna públicas e evidentes questões sociais muito peculiares dessa população. Nessa perspectiva, a literatura negro-brasileira, como toda literatura, tem uma função social a cumprir, qual seja: a afirmação da identidade negra e a defesa de questões relacionadas à negritude e o combate à discriminação racial.

Ao ser inserido como personagem na literatura brasileira, ao longo da história, o negro tem sido tematizado quase que predominantemente na condição de sujeito subalterno, sub-humanizado: escravizado e/ou vítima da herança escravocrata, frequentemente perdendo

a vida em consequência da cor da pele; como acontece com as personagens Bertoleza, em *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo e Raimundo, em *O Mulato*, de autoria do mesmo escritor. E, mesmo depois do evento histórico da libertação dos escravos, ocorrido em 13 de maio de 1888, e com significativas mudanças sociais de lá para cá, o negro ainda tem sido representado como sujeito inferiorizado, conforme observa Cuti (2010):

Até então, nesse contexto, os descendentes de escravizados são utilizados como temática literária predominantemente pelo viés do preconceito e da comiseração. A escravização havia coisificado os africanos e sua descendência. A literatura, como reflexo e reforço das relações tanto sociais quanto de poder, atuará no mesmo sentido ao caracterizar as personagens negras, negando-lhes complexidade e, portanto, humanidade (CUTI, 2010, p. 16).

Essa representação do negro na literatura brasileira, em que constantemente é retratado como personagem de menor relevância, sistematicamente em papéis marginalizados e em posições sociais inferiores às pessoas de pele clara, evidencia e acentua o caráter racista e excludente que caracteriza o modo como grande parte da sociedade brasileira trata a população negra, contribuindo para a persistência do preconceito e do racismo que permeiam essa sociedade. Para Almeida (2020, p. 159), “o racismo é o resultado de um comportamento orientado por informações insuficientes ou por ignorância”, por isso a necessidade de se debater cada vez mais este tema que é muito recorrente na sociedade brasileira, principalmente porque atos de racismo tem se tornado frequentes em nossa história recente.

Um dado relevante a se considerar é que, historicamente, essa literatura que inferioriza o negro tem sido feita por escritores brancos que, sistematicamente, constroem personagens em papéis de subalternidade, com comportamentos sociais reprováveis à aceitação do público leitor, perpetuando a não aceitação do negro nos espaços sociais e fomentando atos de preconceito, discriminação e racismo contra esse povo. Assim, evidenciamos a literatura sendo utilizada como instrumento contributivo da permanência de situações de vulnerabilidades da população negra brasileira, marcada principalmente por ocorrências de racismo que se concretizam em diferentes estruturas sociais e contextos das relações interpessoais em nosso país. Ante ao exposto, é imprescindível que essa literatura seja lida com criticidade, gerando debates e contextualizações sobre o lugar do negro na sociedade brasileira contemporânea.

A literatura negro-brasileira é representada por escritoras e escritores de diferentes regiões do Brasil, que escrevem em prosa e verso, tematizando em seus textos questões emergentes que se fazem presentes nos contextos da população negra. Desse modo, em 1978, o coletivo cultural *Quilomboje* criou a série *Cadernos Negros*, com o objetivo de superar as dificuldades de publicação, nas grandes editoras, da literatura produzida por escritores negros e também dar visibilidade a esses escritores que através de suas poesias e contos tornam evidentes à sociedade suas visões de mundo e, sobretudo, as diversas questões sociais vivenciadas pela população negra no Brasil. Nesse contexto, é por meio dos *Cadernos Negros* que os escritores negros levam ao público leitor suas vivências, que quase sempre estão relacionadas a temas como: ancestralidade, questões de gênero, feminismo negro, racismo, dentre outros.

Essa literatura negro-brasileira, que é colocada ao alcance do público a partir do nascimento dos *Cadernos Negros*, pode ser caracterizada como uma literatura de militância e resistência, visto que aborda questões e contextos nos quais a população negra está inserida, e que historicamente necessitam de mudanças no sentido de dar mais dignidade, respeito e cidadania afrodescendentes que tiveram seus ancestrais escravizados. Em consonância com essa perspectiva, Cuti (2010), ressalta que

Uma das formas que o autor negro-brasileiro emprega em seus textos para romper com o preconceito existente na produção textual de autores brancos é fazer do próprio preconceito e da discriminação racial temas de suas obras, apontando-lhes as contradições e as consequências. Ao realizar tal tarefa, demarca o ponto diferenciado de emanção do discurso, o “lugar” de onde fala (CUTI, 2010, p. 25).

Tematizar e expor as ocorrências de preconceito, discriminação e racismo existentes na sociedade brasileira confere aos escritores negro-brasileiros uma posição crítico-social que é a de compromisso em promover a reflexão e o debate acerca das demandas da população negra, na busca por igualdade e ocupação dos espaços de poder, que historicamente são ocupados pelos brancos. Ainda conforme Cuti (2010), o escritor negro-brasileiro assume um lugar social, ou lugar de fala, conforme Djamilá Ribeiro (2017, p. 55), que lhe permite comunicar e problematizar os diferentes aspectos que permeiam e caracterizam as relações étnico-raciais no Brasil.

Consoante à necessidade de valorização e autoafirmação da identidade negra, Rodrigo França, em *O Pequeno Príncipe Preto*, aborda questões relativas à ancestralidade africana e à identidade negra pela perspectiva de mundo do personagem infantil, que, por meio de pequenas descobertas e da percepção de suas características corporais, identifica os traços de sua própria identidade, alicerçada na ancestralidade africana e, sobretudo, em sua consciência de pertencimento étnico-racial.

Aspectos estruturais e temáticos de *O Pequeno Príncipe Preto*

Na narrativa de *O Pequeno Príncipe Preto*, há elementos do enredo que marcam a ocorrência de intertextualidade explícita entre a obra de Rodrigo França e o clássico *O Pequeno Príncipe*, do francês Antoine de Saint-Exupéry. Conforme Marcuschi (2008, p. 129), a intertextualidade diz respeito às “relações entre um dado texto e os outros textos relevantes encontrados em experiências anteriores, com ou sem mediação”; e ainda, “Pode-se dizer que se trata do problema da presença de discursos “outros” num dado discurso que vêm de outras fontes enunciativas identificáveis ou não (o que equivale ao tema da intertextualidade)” (MARCUSCHI, 2008, p. 132). Nesse sentido, a intertextualidade entre as duas obras se constrói, inicialmente, a partir dos títulos, sendo que no livro de Rodrigo França há o marcador racial e relativo à cor da pele do personagem, identificado pelo adjetivo “Preto” que acompanha o nome Pequeno Príncipe, que nomeia a obra.

No plano do enredo, o autor de *O Pequeno Príncipe Preto* coloca em sua narrativa personagens e situações que remetem claramente ao contexto de *O Pequeno Príncipe*, de Saint-Exupéry, a saber: o personagem que dá nomes às duas obras, a Raposa que aparece nas duas histórias e ainda os minúsculos planetas que os protagonistas habitam. Sendo assim, o personagem Pequeno Príncipe Preto, bem como o protagonista da obra de Saint-Exupéry, também habita quase que solitário um minúsculo planeta, tendo como única companhia a árvore Baobá. A exemplo da narrativa europeia de Saint-Exupéry, na história construída por França, o personagem principal também viaja por outros planetas e nessas viagens encontra uma raposa com quem tem um interessante diálogo sobre a constituição de laços de afetividade, o que pode despertar reflexões contributivas ao desenvolvimento e à importância do afeto no público leitor infantil.

Quanto aos aspectos físicos, o livro em discussão foi confeccionado no formato A27, 5 cm, com capa dura e ilustrações de Juliana Barbosa Pereira. Ao longo das breves trinta e duas páginas, são apresentadas ilustrações que remetem aos conteúdos narrativos de cada página. O fundo do papel das páginas do livro apresenta cores variadas e o texto se alterna nas cores preta, branca e verde escuro, contrastando com as cores das páginas. Na capa há a imagem do rosto do personagem Pequeno Príncipe Negro e a árvore Baobá, que é representada com traços humanos e também é personagem da narrativa de Rodrigo França, possivelmente inspirada na figura de sua avó Bené, como o próprio autor expõe ao leitor, ao final do livro, quando se refere às motivações da escrita de *O Pequeno Príncipe Preto*:

[...] tem ingredientes da minha família: um pouco de minha vovó Bené, que me ensinou sobre ancestralidade; de meus pais, que me educaram valorizando a cultura negra; e de meus irmãos, que são apaixonados pela filosofia Ioruba (FRANÇA, 2020, p. 30).

A declaração do autor, aliada às características evidentes nos traços físicos dos desenhos dos personagens, remetem à valorização e preservação de suas origens e identidade negra com visível reconhecimento da importância de sua ancestralidade africana adquirida por via de sua avó Bené; ancestralidade essa que se faz presente na narrativa da obra em discussão, personificada na árvore Baobá.

As ilustrações produzidas pela artista Juliana Barbosa Pereira destacam as cores da pele do Pequeno Príncipe Preto, dos seus ancestrais e da árvore Baobá. Sendo assim, a ilustração de *O Pequeno Príncipe Preto* e de seus ancestrais apresenta somente suas cabeças com destaque às características africanas, tais como: pele escura, cabelos crespos, narizes achatados, lábios grossos e olhos negros; o que remete o leitor às características físicas e de identidade africana. Portanto, este modo de representação visual dos personagens pode ser interpretado como uma forma de realçar a identidade negra, em que os aspectos físicos sobressaem na constituição e autoafirmação da negritude dos personagens.

Quanto ao formato do texto da narrativa e aspectos visuais, esse aparece em letras tamanho médio, favorecendo a visualização e facilitando a leitura. Em algumas páginas há palavras e frases centrais que se destacam juntas às ilustrações referentes aos trechos da obra, como por exemplo: AN- CES- TRA- LIDADE (p. 8-9), EU AMO MEU CABELO (p. 11), e AFETO (p. 18). Esse modo de destacar as palavras e trechos da narrativa realça a importância

de tais passagens, visto que desperta a atenção do leitor tanto no aspecto visual, quanto na construção dos sentidos da leitura da obra. Portanto, por meio desse recurso de destacar a grafia e fontes das letras das palavras, o autor juntamente com a ilustradora chamam a atenção do leitor para atribuir sentidos à leitura a partir desses destaques nos marcadores gráficos e visuais, que remetem à identidade negra.

Ademais, França ainda informa ao leitor que, inicialmente, em 2018, *O Pequeno Príncipe Preto* foi apresentado ao público no formato de peça teatral, com o propósito de transmitir uma mensagem positiva de autoafirmação identitária, tendo como público-alvo crianças, jovens e adultos. Nesse sentido, são bastantes explícitos os modos como as características afrodescendentes são apresentadas e exaltadas nas palavras do personagem infantil Pequeno Príncipe Preto, como vemos no seguinte trecho:

Minha boca é grande e carnuda.
Olhe o meu sorriso, como é simpático e bonito!
Eu tenho nariz de batata. Eu adoro batata e adoro meu nariz.
Meus olhos são escuros como a noite. Também existem olhos claros, mas gosto dos meus olhos como eles são. Porque são meus.
Meu cabelo não é ruim. Ele não fala mal de ninguém. Antes eu cortava meu cabelo bem baixinho, mas agora estou deixando crescer. Quero que fique para cima igual aos galhos da Baobá. Vai crescer, crescer, crescer... Vai ficar forte, brilhoso, volumoso [...] (FRANÇA, 2020, p. 11).

As manifestações de racismo contra as pessoas negras se evidenciam, infelizmente, ainda na infância quando crianças pretas são alvos de xingamentos e chacotas, sobretudo em razão do aspecto de seus cabelos crespos, para além da cor da pele. Paradoxalmente, é no ambiente escolar que as crianças pretas sofrem os piores ataques racistas, de modos agressivos, colocando-as em estado de alta baixa estima com sua identidade negra, e muitas vezes despertando comportamentos agressivos e profundo desejo de não frequentar a escola, visto que este é um ambiente hostil e pouco acolhedor para as crianças pretas.

O primeiro contato do Pequeno Príncipe Preto com o planeta Terra, e mais precisamente com seus habitantes, é marcado pelo seu estranhamento quanto ao modo de relacionamento entre as pessoas nesse planeta. Logo, ele observa que as pessoas quase sempre são indiferentes umas às outras, sobretudo devido ao uso constante dos aparelhos celulares.

Quanto ao contexto infantil, o Pequeno Príncipe Preto observa desapontado que as crianças vivem de modo bastante diferente do seu planeta: elas cumprem o dever de irem para

a escola, mesmo diante da visível aparência de que esse não é um ambiente agradável, visto que tem “muros altos e grades” (FRANÇA, 2020, p. 23). Além disso, a interação entre as crianças parece ser pequena e pouco amistosa, pois muitas delas preferem se entreter com os celulares a terem que interagir em brincadeiras com seus semelhantes. O Pequeno Príncipe Preto observa, ainda, que as brincadeiras geralmente são movidas por disputas em que vence aquele que se sobressai como o melhor. É nesse ponto da narrativa que o personagem apresenta às crianças o pensamento africano de unidade entre os povos, conceituado como UBUNTU, que diz respeito à união em busca de objetivos comuns, na palavra dele: “Por que vocês não dão as mãos e vão juntas e juntos? Por que não fazem UBUNTU? Eu sou porque nós somos! UBUNTU significa ‘nós por nós!’” (FRANÇA, 2020, p. 25).

As crianças do planeta Terra demonstram estranhamento quanto aos aspectos físicos do Pequeno Príncipe Preto, principalmente em relação à sua roupa (provavelmente uma bata africana) e pelo seu sotaque. Essas impressões manifestas pelas crianças podem desencadear em atitudes preconceituosas e racistas, sobretudo pelo fato de que o racismo se manifesta a partir dos aspectos visuais relacionados ao corpo e seus adornos, assumidos pelos negros, sendo os cabelos crespos um dos principais elementos referidos pelos racistas em seus ataques contra as pessoas negras.

Consoante às conotações sociais que os brancos dão aos negros a partir dos cabelos crespos, Grada Kilomba ressalta que:

O cabelo africano foi então classificado como “cabelo ruim”. Ao mesmo tempo, *negras* e *negros* foram pressionadas/os a alisar o “cabelo ruim” com produtos químicos apropriados, desenvolvidos por indústrias europeias. Essas eram formas de controle e apagamento dos chamados “sinais repulsivos” da *negritude*. Nesse contexto, o cabelo tornou-se o instrumento mais importante da consciência política de fortalecimento racial e um protesto contra a opressão racial. (KILOMBA, 2019, p. 127)

Sendo assim, quando o Pequeno Príncipe Preto fala a respeito da preservação de seus cabelos crespos, a mensagem que transmite é de valorização, manutenção e orgulho de sua identidade negra, na perspectiva de que por meio dos traços físicos, sobretudo dos cabelos afros, há a legitimação e a apropriação identitária de sua ancestralidade africana no sentido de efetivação de uma inclusão étnico-racial, fundada no respeito e autoafirmação da identidade negra. Nesse viés, a preservação dos cabelos crespos é um ato simbólico bastante

significativo, pois tem conotações políticas de resistência, no sentido de representação de lutas contra o racismo e também pela busca de ocupação dos espaços sociais, que historicamente foram negados às pessoas escravizadas e aos seus descendentes. Portanto, os cabelos crespos das pessoas negras são um elemento marcante da identidade e ancestralidade africanas.

Na perspectiva de Stuart Hall (2014), as identidades são relacionadas com questões relativas a “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios” (HALL, 2014, p. 109). Nessa perspectiva, a identidade negra se estabelece a partir dos próprios corpos dos sujeitos e de suas características intrínsecas que remetem às origens africanas, principalmente pelos aspectos físicos e visuais, compreendendo também o uso de vestimentas típicas, acessórios nas orelhas, braços, nariz e pescoço e amuletos que simbolizam as crenças nas religiões de matrizes africanas.

Ainda no que se refere às identidades, Hall (2014) amplia o conceito ao afirmar que:

[...] as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora “sabendo” [...], sempre, que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma “falta”, ao longo de uma divisão, a partir do lugar do Outro e que, assim, elas não podem, nunca, ser ajustadas-idênticas- aos processos de sujeito que são nelas investidos (HALL, 2014, p. 112).

Uma vez que a identidade está relacionada às representações sociais, a formação da identidade negra assume fortemente essas representações na perspectiva da manutenção e defesa das heranças culturais de matrizes africanas e também como forma de resistências contra as manifestações de preconceito e de racismo das quais os negros são alvos constantes em nossa sociedade. A consciência e a autoafirmação dos elementos de descendência africana que caracterizam a identidade negra são fatores de fundamental importância para que os negros se mobilizem socialmente na busca por respeito, dignidade e conquista de espaços sociais necessários ao pleno exercício de suas cidadanias.

A autoafirmação da identidade negra se dá pela consciência de pertencimento étnico-racial, em que os sujeitos negros reconhecem suas características físicas, culturais e religiosas como heranças advindas historicamente de uma ancestralidade africana que está presente nos processos de formação do povo e da sociedade brasileira.

No que se refere à concepção de ancestralidade africana, para Oliveira (2012), esta:

[...] é então mais que um conceito ou categoria do pensamento. Ela se traduz numa experiência de forma cultural que, por ser experiência, é já uma ética, uma vez que confere sentido às atitudes que se desdobram [...] a ancestralidade ser também uma categoria de inclusão “por que ela, por definição, é receptadora” (OLIVEIRA, 2012, p. 39- 40).

Nesse sentido, a ancestralidade nos possibilita pensarmos e considerarmos os modos de ser e de agir nas relações sociais, em que os traços culturais herdados dos países africanos estão visivelmente presentes e de forma marcante nos diferentes aspectos e processos formadores das artes, cultura, religião e também da literatura do Brasil. Diante disso, temos em *O Pequeno Príncipe Preto*, a seguinte definição de ancestralidade:

Existe uma coisa chamada ancestralidade. Antes dessa árvore, existiu outra árvore, e mais outra e outra... Antes de mim vieram os meus pais, os meus avós, os meus bisavós, os meus tataravós, os meus ta-ta-taravós... Todos eram reis, rainhas...

Como pode existir o hoje, o agora, se você não conhece o seu passado, a sua origem, as suas características? É assim que a gente conhece a nossa ancestralidade. Isso é sabedoria e ancestralidade (FRANÇA, 2020, p. 9).

O conceito de ancestralidade apresentado pelo Pequeno Príncipe Preto está associado aos laços familiares e sanguíneos em que sobressai a preservação de características étnicas e também o legado social construído no continente africano. Desse modo, são realçadas as ideias de pertencimento e herança étnico-cultural como elementos mantenedores da identidade. Ao adotar tal conceito, o personagem-narrador de *O Pequeno Príncipe Preto* exemplifica de modo didático e objetivo de que formas ocorrem a preservação da ancestralidade, deixando explícita a ideia de uma corrente formada por elos que estão relacionados ao corpo, pois:

[o]corpo traz inscrito em si a ancestralidade, o princípio fundador, raiz sentimental, que recria, atualizando-se na universalidade a partir de um contexto, manifestando-se nos costumes e nas tradições, com grande aporte na memória grupal e individual, nas suas manifestações materiais e imateriais, especialmente no seu fortalecimento pela identidade e preservação, pela integração e sua cultura (MACHADO, 2014, p. 57).

Quando a autora refere-se ao corpo como abrigo da ancestralidade, devemos pensar não somente nos modos visíveis que os traços físicos relativos à africanidade se apresentam, mas também nos modos como esse corpo se ajusta às manifestações da ancestralidade africana na religiosidade, especialmente por meio das religiões de matrizes africanas como candomblé e umbanda; na manutenção e uso de palavras e dialetos muito presentes nos ritos religiosos; por meio do entoar e danças de ritmos musicais, entre outros elementos que remetem aos costumes dos povos de países africanos.

No contexto narrativo de *O Pequeno Príncipe Preto*, a árvore Baobá, que é personificada, representa a força da ancestralidade africana de resistência e preservação dos elementos que dão força e sustentação à vida na África, e também fora dela para seus descendentes que estão espalhados mundo afora. Assim, para o Pequeno Príncipe Preto a Baobá, “É uma árvore linda, imensa, gigante. [...] Abraçar a Baobá é uma troca de força, de energia. Sabe quando a bateria está fraca? Então, eu venho aqui e recarrego.” (FRANÇA, 2020, p. 6), e ainda, “Ela é uma árvore sagrada, milenar” (FRANÇA, 2020, p. 8).

Diante do exposto, portanto, a ancestralidade africana é materializada na árvore Baobá, que, com sua robustez, capacidade de adaptação e resistência às intempéries climáticas, representa a força e identidade dos povos africanos e de seus descendentes negros, que, a duras penas, sob o regime de escravidão, conseguiram adaptar-se a lugares distantes e adversos da sua pátria-mãe África e, sobretudo, foram capazes de contribuir na formação e no desenvolvimento de outros povos em outros continentes, como ocorreu no Brasil. Em vista disso, a leitura de *O Pequeno Príncipe Preto* é atividade salutar, principalmente para as crianças negras, pois contribui significativamente para a tomada de uma consciência de pertencimento étnico-racial e autoafirmação da identidade negra; algo que é necessário, em particular no atual contexto em que o Brasil se encontra, onde frequentemente ocorrem atos de extremo racismo contra as pessoas de pele preta.

Considerações finais

A leitura de *O Pequeno Príncipe Negro* possibilita a percepção e o aguçamento de um olhar atento às relações sociais que se realizam no cotidiano, de modo a constituírem laços

de afetividade, atenção e cuidados mútuos que proporcionam momentos de harmonia e solidariedade entre as pessoas, numa perspectiva antirracista.

Ao apresentar uma consciência identitária afrocêntrica, por meio da visão pueril do personagem Pequeno Príncipe Negro, o escritor Rodrigo França evidencia os laços étnico-raciais que o personagem tem com seus ancestrais, valorizando os conhecimentos milenares africanos de seus familiares que estiveram na Terra, em um tempo muito anterior ao dele.

A promoção da leitura desta obra com crianças e adolescentes, e o respectivo debate das temáticas presentes em *O Pequeno Príncipe Preto* é algo de extrema necessidade no contexto social em que o Brasil se encontra, em que a ocorrência e relatos de atos de extremo racismo são cada vez mais frequentes, infelizmente. Nesse sentido, a autoafirmação da identidade negra e suas ancestralidades denotam a mais legítima expressão de luta e enfrentamento ao racismo estrutural que permeia as diferentes camadas da sociedade brasileira. Desse modo, Rodrigo França contribui significativamente, por meio de sua literatura infantojuvenil e negro-brasileira, fomentando no público leitor a necessária reflexão e debate acerca do racismo e seu combate por meio da autoafirmação da identidade negra, na perspectiva de que crianças e jovens leitores assumam atitudes de respeito e reconhecimento do negro na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaia, 2020.

AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. 3. ed. –Jandira, SP: Princípios, 2019.

AZEVEDO, Aluísio. *O Mulato*. 13ª edição. São Paulo: Ática, 1996.

Cadernos Negros: a literatura nacional como difusão de consciência. Disponível em: <http://centrocultural.sp.gov.br/2020/03/11/cadernos-negros-a-literatura-nacional-como-difusao-de-consciencia/>. Acesso em 18 de fevereiro de 2021.

Cadernos Negros 40 anos. Disponível em: <https://www.quilombhoje.com.br/site/cadernos-negros/#:~:text=A%20partir%20de%201978%20a,experi%C3%AAs%20e%20vis%C3%A3o%20de%20mundo>. Acesso em 18 de fevereiro de 2021.

COLOMER, Teresa. *Introdução à literatura infantil e juvenil atual*. Tradução Laura Sandroni. 1.ed. São Paulo: Global, 2017.

CUTI, (Luiz Silva). *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

FRANÇA, Rodrigo. *O Pequeno Príncipe Preto*. Ilustração Julia Barbosa Pereira. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? IN: *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Tomaz Tadeu da Silva (orgs). Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação- Episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MACHADO, Adilbênia Freire. Ancestralidade e encantamento como inspirações formativas: filosofia africana e práxis de libertação. IN: *Revista Páginas de Filosofia*, v. 6, n. 2, p.51-64, jul./dez. 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: Educação e cultura afro-brasileira. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*. Número 18: maio-out/2012, p. 28-47.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: MG. Letramento Justificando, 2017.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O Pequeno Príncipe*: com aquarelas do autor; ilustração de Dom Marcos Barbosa. 52. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2015.

Recebido em: 10/04/2021.

Aceito em: 16/07/2021.